



POLITRECO

Fluctuat nec Mergitur



Publicola e munificante órgão de comunicação do Grêmio Politécnico
Escola Politécnica, dezembro de 1991 - Ano X - Número 213

Fluctuat nec Mergitur quer dizer, em latim, "quem flutua não afunda". É o lema do brasão da França e da Saboia e foi imortalizada por Georges Bizet na música "Les Copains D'abord". Foi o lema do nosso trabalho no Politreco.



**Estereótipos
politécnicos
são reforçados
dentro
e fora da USP.**

página 5

**Role Playing Games
A mania que está
tomando conta da
Poli.**

página 11

Ainda nesta edição:

- o curso de engenharia, 4
- poesias, 7
- frases de banheiro, 9
- morto por confusão II, 9
- histórias da Politécnica, 10
- reflexões, 12

● infinitos prazeres por todas páginas



Editorial

Fazer o Politreco foi uma grande experiência.

Fazer jornal na Poli, reza o preconceito, é escrever baixaria. Politécnico é reprimido, Politécnico gosta de sacanagem, Politécnico não leva nada a sério, Politécnico é bitolado.

Que jornal um ser tão estranho gosta de ler? Para algumas pessoas, um jornal de humor leve. Para outras, um jornal de sacanagem.

O que levou a equipe do Politreco a tentar modificar a linha editorial do jornal? É porque não concordamos com esses preconceitos do Politécnico. Ele não é um ser separado do resto do mundo. Ele é um USPiano, assim como um economista, um arquiteto, um cineasta, etc. Ele tem interesse em assuntos diversos: política, cultura, educação, etc.

A idéia, portanto, era fazer um jornal com um conteúdo mais diversificado.

Claro que isso não significa fazer um jornal "certinho", porque o humor é fundamental para qualquer publicação estudantil. O problema era conseguir quem escrevesse bons textos humorísticos, a exemplo do que existiu no passado próximo. Ouvimos muitas reclamações da falta de humor, mas poucos textos vieram. Não havia, portanto, alternativa. Ou nós iríamos escrever o jornal inteiro, com o nosso duvidoso talento humorístico, ou teríamos que esperar pelas contribuições. Escolhemos a última alternativa, e no final do ano os textos começaram a chegar.

A periodicidade aos poucos foi melhorada, até chegarmos ao Politreco semanal. O ritmo alucinante de produção do jornal fez com que não pudessemos dispensar muito tempo com as "sutilezas" de cada edição, o que seria desejável. Essas sutilezas incluem um "toque" humorístico, uma revisão mais cuidadosa, etc.

O "Projeto Politreco" concluiu a sua primeira metade. A qualidade gráfica e as ilustrações melhoraram, o conteúdo começa a diversificar-se, as entrevistas apareceram, o Datapoli fez a sua primeira pesquisa, o jornal aos poucos ganha uma "cara". Os pontos que devem ser implementados em 1992: criação de editorias (cultura, interno, humor, etc.), aumento da "espontaneidade" do jornal, impressão em duplo ofício, entrevistas regulares, criação de um grupo de reportagem, etc. É muito trabalho, e depende também da sua participação.

Realmente o Politreco precisa ficar menos sério. Não pode, também, exagerar na sacanagem. Tudo isso depende de você, da sua colaboração, da sua crítica construtiva, do seu amor.

Uma escola de 4000 alunos merece ter um jornal identificado com os seus anseios. É isso que queremos.

Eu tinha decorado um discurso tão belo para essa despedida... São tantas emoções... nem sei bem o que dizer... vocês foram maravilhosos...

Camaradas: boas férias e até 1992!

Paulo "Blim-Blim" Blikstein é aluno do 2º ano de Engenharia Elétrica.

Nota do Editor:

Alguns artigos e ilustrações enviados pelos leitores não foram publicados nesse ano pelos seguintes motivos:

- 1) Não continham nenhuma identificação do autor.
- 2) Falta de espaço. Alguns artigos eram muito grandes e não conseguimos uma edição com espaço suficiente para colocá-los. De qualquer forma, estão guardados e serão publicados quando for possível. Pedimos desculpas aos autores.
- 3) Falta de edição. Alguns artigos chegaram depois do fechamento das últimas edições. Tentamos fechá-los com antecedência já que o final do semestre é cheio de provas, etc. Nos desculpamos novamente por não ter divulgado a data de fechamento das edições.
- 4) Falta humana. Somos humanos, portanto cometemos erros. Às vezes, não dá tempo de digitar todos os artigos. Ou eles não são colocados em pauta a tempo, etc. De qualquer forma, a censura nunca existiu e nunca existirá no Politreco. Os problemas de não-publicação existiram por questões técnicas, expostas acima. Vale a pena repetir: todos eles estão guardados e serão publicados no ano que vem, se não perderem a atualidade.

Obrigado a todos os Politécnicos que contribuíam com o Politreco nesse ano. Vocês são o responsável pela gradativa melhoria do jornal. Parabéns.

Paulo Blikstein, editor



Politreco

Publica e munificante órgão de comunicação do Grêmio Politécnico



Expediente

O Politreco é uma publicação semanal do Grêmio Politécnico Gestão "Tudo Mundo Junto Agora".

Editor-Chefe:

- Paulo "Blim-Blim" Blikstein, Elétrico

"Staff" do Politreco:

- Alessandro "Maguila" Nery, Químico, DataPoli
- Cid J. Santana, Químico, digitador, redator
- Guilherme A. Lima da Silva, Mecânico, DataPoli
- Jessian F. Cavalcanti, Elétrico, ilustrador marajá
- Nicholas Alvarus Serrano, Mecânico, DataPoli
- Paulo Blikstein, Elétrico, Editor-Chefe
- Paulo Fernando "Clark Kent" Silvestre Júnior, Elétrico, diagramador, DataPoli, redator, revisor, digitador

Colaboração:

- André Luiz Brandes Viana, Mecatrônico
- Billy, Elétrico

- Idone Bringhenti, pós-graduando PCC
- Luciana Bechara Sanchez, Civil
- Márcio Yukio Shimada
- Marck Knoffler II, Mecânico
- Marco Antônio Yamamoto
- Paulo Bernardo Antunes Lindoso, Elétrico
- Paulo José, Produtivo
- Rogério "Strezza", arquiteto, quadrista
- Rubens Cláudio Rocha do Carmo, Elétrico
- Sérgio Rosen ben Aratangy, Elétrico, revisor
- Sequestrador, Engenheiro, Onbudsman-Beta
- Tomatinhos

Agradecimentos:

- ADUSP (Cristina e Leo)
- Ligia, Rodrigo e Danilo
- Jessica
- Prestativos colegas grampadores e revisores

QUE PAIS É ESTE?

Sérgio Rosenberg Aratangy

Nos últimos dias (semanas, meses,...) nós temos visto este país se afundando cada vez mais num processo de recessão. Esta recessão tem sido causa e consequência do nosso atual presidente.

Os últimos acontecimentos têm deixado claro o descontrole do governo sobre nossa economia e a falta de compromisso destes com a sociedade (seja com os trabalhadores, seja com os empresários), pois não consegue definir e aplicar nenhuma política econômica coerente. Pois, se por um lado eles não criam condições para que os empresários invistam em produção (juros extorsivos, indeterminações na política cambial,...) por outro lado, dificultam aos trabalhadores a sua própria sobrevivência (com o arrocho salarial, intransigência nas discussões,...).

Temos, hoje, um governo que se acozarda ao tentar implementar qualquer tipo de direcionamento na economia pois não tem base política. Quer implementar um sistema ortodoxo de combate a inflação, que é o processo recessivo, mas teme as consequências políticas a curto prazo; fazendo com que os efeitos sejam mais nefastos ainda. Esta é a teoria do antibiótico que explicarei a seguir.

A inflação na sociedade é pensada como uma infecção no organismo e a recessão, como se fosse um antibiótico. Existe uma dose e um período de antibiótico a ser ministrada que são ideais, eliminam a infecção causando um mínimo de danos ao organismo. Existem também uma overdose que cria efeitos colaterais muitas vezes tão ruins quanto a infecção. Além disto, existe a sub-dosagem que não só não elimina a



infecção, como cria um conjunto de bactérias mais fortes e mais resistentes ao remédio.

Em nosso paralelo, a overdose desaqueceria tanto a economia que ela levaria muito tempo para se reerguer, criando assim um período muito longo de sacrifícios da sociedade. A sub-dosagem, geraria, como efeitos:

- 1- pequena redução da inflação a curto prazo, seguida da retomada da espiral inflacionária;
- 2- necessidade de ampliação da profundidade e dos prazo da recessão para se gerar algum efeito sobre a inflação;

3- devido ao citado no parágrafo anterior, ficamos, a cada vez que se aplica uma sub-dose, mais próximos da dose letal.

E o que seria, para a economia de um país, a dose letal?

Seria o total esfriamento da economia, extinguindo-se a produção de bens por empresas nacionais, a total dependência do exterior, o fim da soberania em todos os níveis.

Outro efeito não menos devastador que esta política pode gerar é o aceleração de um processo que pode nos levar à hiperinflação, que, historicamente, leva o país a um estado tamanho de CAOS que desaparecem todas as possibilidades de reativar a economia nos moldes anteriores. Ou seja, criando uma considerável ruptura com a estrutura social a que estamos acostumados que é muito difícil prever quais seriam as consequências.

O nosso Governante Supremo tem tentado aplicar a fórmula ortodoxa (como já disse), mas, temendo as repercussões políticas disto, não aplica com a devida intensidade.

Hoje, nós estamos vivendo o que se chama "a terceira onda recessiva de Colômbia", e esta recessão se aprofunda cada vez mais e não se vê luz no fim do túnel (ou será que ele é apenas um buraco?); além disto, a inflação no mostrou nenhuma vontade de ceder.

Não são poucas as evidências que este governo está perdido em sua própria megalomania, o problema é que ainda faltam alguns anos para o fim do mandato deste que nos "governa".

Sérgio Rosenberg Aratangy é presidente do Grêmio Politécnico

Indignação III (O conflito final)

Por não haver uma data-limite para a entrega de artigos eu acabei perdendo a edição passada, mas venho a público agora comentar o contraditório artigo do colega Paulo Bernardo Lindoso, INDIGNAÇÃO II.

Gostaria em primeiro lugar de participar a meu desinformado colega de que nunca, em nenhum artigo meu, eu disse que as politécnicas eram feias, quem quiser pode conferir os 3 últimos politrecos do semestre passado.

Agora, mudando de assunto, pergunto a meu incoerente companheiro: Se o Sr. não gostou do fato de eu ter criticado o prof. Zuffo, por que fez o mesmo com o prof. Ninton? Aliás, minto, "o mesmo" não,

pois em meu artigo eu disse por que achava aquilo, coisa que nem deve ter passado pela cabeça de meu "crítico".

E para finalizar gostaria de comunicar tanto ao Sr. Paulo Bernardo quanto ao Sr. C. Marino (que por sinal escreveu um artigo bem mais sério e inteligente que o do Sr. Paulo) que tudo o que foi escrito em meu artigo foi falado e conversado com o prof. Zuffo, e que ainda pretendo discutir com ele outras sugestões que tenho (que podem ou não ser aceitas e modificadas) para melhorar a NOSSA Poli; e convido os que não são acomodados a me acompanhar...

Billy cursa o segundo ano de engenharia elétrica

Carreira em Empresa Multinacional Japonesa

Para formados e formandos fluentes em inglês, com conhecimento básico de japonês, nas áreas de Engenharia Elétrica, Eletrônica, Mecânica ou Computação, interessados em fazer carreira e residir no Japão.

Preencher ficha a partir de 25 de novembro na sala 16 do Biênio.

Palestra explicativa em 13 de dezembro, na sala 14.

Principais problemas do curso de Engenharia, segundo os alunos - Conclusão

Idone Bringhentl
Pós-Grad. no PCC

Relação teoria/prática

Os alunos em geral reclamam que o Curso é muito teórico e pouco prático. A palavra "prática" é usada por eles em várias acepções, sendo que as principais se relacionam com:

- 1) a realização de exercícios. (tanto das matérias básicas quanto das de engenharia.) Trata-se, no caso, de prática para a aprendizagem e não de prática profissional;
- 2) as matérias de engenharia, quando comparadas com as básicas. Inclusive as matérias de engenharia teóricas, como Resistência dos Materiais diante das de Física, por exemplo;
- 3) a resolução de problemas de engenharia, isto é, do dia-a-dia do engenheiro; e,
- 4) o contato com a prática profissional. Em escritórios de engenharia, em obras etc: tanto para ver como as coisas são feitas (visitas, p.e.), como para participar ativamente (verdadeiros estágios, p.e.).

Carga de Aulas, de Matéria e de Trabalhos

A média de créditos por semestre foi considerada excessiva ou grande por 70% dos alunos, adequada por 24% e pequena por 6%.

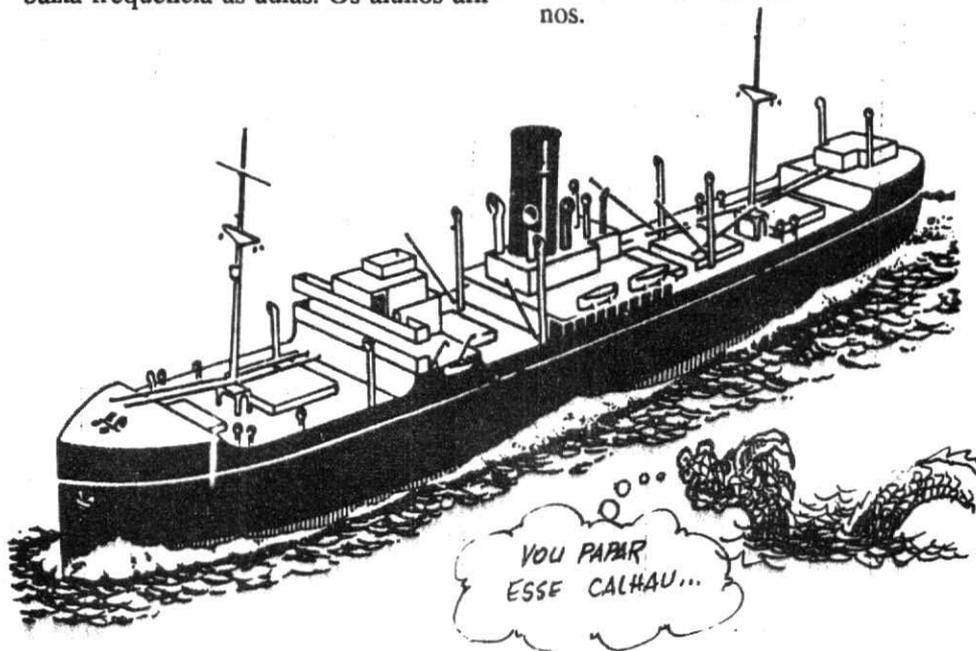
Didática dos Professores e Métodos de Ensino

Os alunos responderam que a grande maioria das aulas (em torno de 75%) são exclusivamente expositivas, havendo muito pouca participação dos alunos. Cabe acrescentar que esse é um dos fatores da baixa frequência às aulas. Os alunos afir-

maram também que nas disciplinas do período profissionalizante são usadas transparências em demasia e que tal recurso não está proporcionando bons resultados instrucionais.

Observação 2: Teste piloto

Realizamos o teste piloto do questionário com 20 alunos, 4 de cada ano, escolhidos aleatoriamente. Chamou-nos a atenção o fato de que não foi significativo, estatisticamente, a diferença entre os resultados dele e os da pesquisa com os 500 alunos.



O Super Engenheiro

por Rogério Trezza



Estereótipos da Politécnica estão mais presentes

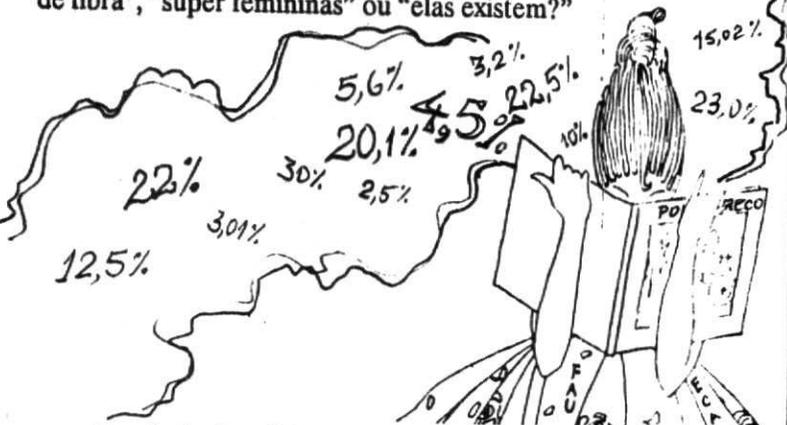
Da Reportagem Local

Durante os meses de outubro e novembro, foi feita uma pesquisa, pelo DataPoll, que visava identificar a imagem que os politécnicos tem nas outras unidades da USP, em outras universidades e fora do meio universitário. Foram entrevistadas 450 pessoas, sendo 150 estudantes da USP, 25 da Universidade Mackenzie e 275 secundaristas, a maior parte de cursinhos.

“Eles são realmente os melhores, mas completamente loucos. Mas se fosse prestar engenharia, tentaria lá”, conta Carmen Luciana, 19, que se prepara para Medicina no Anglo. Frases como essa deixaram bem claro que o estereótipo do politécnico bitolado e prepotente, que não sabe outra coisa além de estudar, está mais forte do que nunca. A surpresa ficou por conta de se verificar isso em cursinhos, onde tradicionalmente a imagem era outra.

Entre os entrevistados, 33% reconheceria um politécnico numa festa como o cara mais quieto e comportado do recinto, 22% disse que ele poderia ser encontrado em um grupo de homens que fica só “babando” pelas meninas e outros 22% informou que o politécnico seria um verdadeiro “animal” na festa. Em um clube, a história não foi melhor: 17% disse que o politécnico leva livros para a piscina, outros 17% nos identificaria como os mais exibicionistas e 11% reconheceria por camisetas e *trainings* da Poli.

Outro estereótipo comprovado foi quando nada menos que 89% afirmou que o grupo em maior número são os orientais. O segundo lugar ficou com judeus, votados por apenas 17% (vários entrevistados votaram nos dois). Sobre as politécnicas, as respostas variaram de “são uma arte” a “loucas”, passando por “garotas de fibra”, “super femininas” ou “elas existem?”

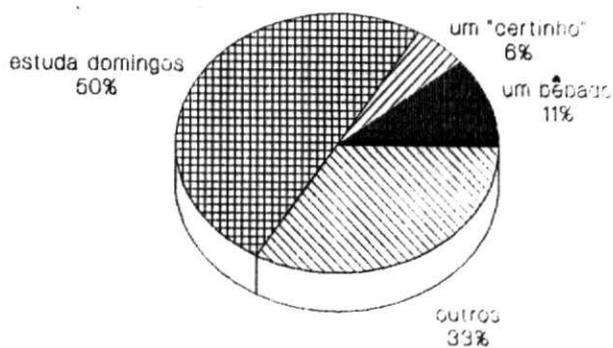


O principal pedido que 33% dos entrevistados fariam a um politécnico é que ele “fosse embora”. Entre os outros 77% destacaram-se: “dê-me sua inteligência” (28%), um computador ou calculadora (22%) e reformas na Poli e/ou vestibular (11%).

Esses números deixam evidente que alguma coisa está errado na relação entre os politécnicos e os outros estudantes, pois nossa imagem está pior a cada dia que passa, atingindo pontos onde antes éramos até, de certa forma, bem quistos. Antônio Carlos Derani, que faz Elétrica diz que, se antes todas as outras unidades da USP odiavam os Politécnicos, agora até nós mesmos nos detestamos. Essa situação precisa ser revertida e isso é mais fácil do que parece. 39% dos entrevistados afirmaram que os politécnicos devem desbitolar, tornarem-se mais humanos e menos “Sr. Sabe-Tudo” para que seu conceito melhore diante da comunidade estudantil. Isso pode ser bastante simples, quando temos o Grênio e os Centrinhos cheios de boas idéias e quase ninguém para implementá-las. Por mais que a escola exija dos alunos, tomando seu tempo de uma forma exagerada até, sempre há o suficiente para dividi-lo com outras atividades tão proveitosas quanto o estudo. Os politécnicos precisam participar do mundo fora dos limites da engenharia e não apenas passear por ele, como se estivessem em um grande parque de diversões. O desenvolvimento de seu lado social é mais importante que de que o lado técnico, a menos que queira trabalhar sozinho em um laboratório, conversando só com um computador.

Conheça a opinião “de fora” sobre:

O Politécnico de Repúblicas *universitários e secundaristas*



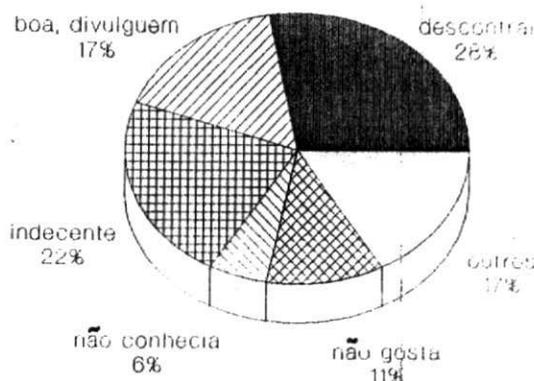
Fonte: DataPoll

Imagens da Poli entre pais *Respostas espontâneas*



Fonte: DataPoll

Sessão Branca de Neve *Respostas espontâneas*



Fonte: DataPoll

Poucos adjetivos para muitas virtudes

Paulo Clark Kent

(Colaboração do Staff)

O Politreco completou mais um ano de sua gloriosa existência. Desta vez, adquiriu ares mais modernos, passando a ser editado com auxílio de editoração eletrônica. O resultado foi um aumento na qualidade gráfica final, melhor impressão e agilidade no processo, chegando a ser publicadas duas edições em uma mesma semana.

O leitor passou a encontrar em suas páginas, além dos textos tradicionais, artigos culturais (Projeto Nascente, cinema, quadrinhos, sinfônicas), política da Escola (Fórum Politécnico, caso do Cursinho), boletins do Grêmio e da Representação Discente, história da Poli e outras novidades que não cabe aqui enumerá-las.

Vimos também a criação de uma equipe fixa cada vez maior, além de uma colaboração crescente por parte de alunos, professores e funcionários da Poli e até de pessoas de fora dela. Parabéns e agradecimentos a todos, pois sem seu auxílio não seria possível realizar este trabalho, bastante criticado (até de forma destrutiva) de início.

Outro fato novo a partir das edições deste ano foram os adjetivos presentes a cada edição, sempre precedendo "órgão de comunicação do Grêmio Politécnico", na capa. Nem sempre bem entendidos, produzimos um pequeno glossário desta palavras para tornar o mais claro possível o significado destas, na maioria dos casos, humildemente escolhidas por este que assina o trabalho. (Colab. Sérgio Aratangy)

POLITRECO



Politreco 199 é "vigoroso", forte, veemente, eficaz.



Politreco 200 é "tumefacto", intumescido, e "intundável" é imbatível.



Politreco 201 é "deletrio", definitivo, e "prestadio", prestativo.



Politreco 202 é "animoso", corajoso, destemido e "autocéfalo" independente, autônomo.



Politreco 203 é "arguto", fino sutil, engenhoso e "diligente", esforçado, cuidadoso, rápido.



Politreco 204 é "laborioso", trabalhador, incansável, e "núbil" comprometido.



Politreco 205 é "crido", conceituado, acreditado, e "referto" pleno.



Politreco 206 é "inconcusso", inabalável, sólido, e "dilúcido", brilhante, claro evidente.



Politreco 207 é "côngruo", apto, adequado, e "hodierno", moderno, atual.



POLITRECO



Politreco 208 é "escalafobético", excêntrico, e "cirílico".



Politreco 209 é "extremoso", apaixonado, carinhoso, e "dileto", amado, preferido.



Politreco 210 é "estóico", austero, impassível, e "panegírico", elogioso.



Politreco 211 é "palinuro", guia, piloto, e "cerbrino", singular, fantástico.



Politreco 212 é "trêfego", irrequieto, e "pletórico", exuberante, com energia.



Politreco 213 é "públícola", democrático, e "munificante", magnífico, generoso, magnânimo.



MOEBIUS ATERRISSA, AFINAL!

Depois desse título, você pergunta: mas isso é bom ou mal? Eu respondo: é terrivelmente bom, ou melhor, bom para os leitores (e cofres da editora, é claro!) e mal para os inimigos neste nível do Major Grubert e sua Garagem Hermética. Das duas uma, ou vocês estão pensando que o EP de numérico fez mais uma vítima ou que ando assistindo muito Jornada nas Estrelas. Sendo assim, vou explicar o que é a Garagem Hermética sem entrar em detalhes (traduzindo: vou copiar a explicação e não me façam perguntas!). Bom, Moebius não é um alienígena e nem uma nova marca de carros, é apenas o quadrinista de FC (ficção científica) mais famoso do mundo. Isso porque o dito cujo estava com algumas idéias na cabeça e começou a desenhar uma história sem sentido. Depois achando que o mundo real (este que a gente vive, enfim, o mundo fora da Poli) era limitador e sufocante (todo artista fala isso), decidiu trabalhar com FC (fic. científ.), pois poderia fazer com que sua história sem sentido fosse pelo menos mais aceitável e muito mais atraente. O processo resultou em A Garagem Hermética, uma série que foi publicada por partes na revista Metal Hurlant e que no início o próprio autor não tinha noção do que era ou seria. Vem daí a complexidade, pois, para explicar todas as loucuras que desenhou nos primeiros episódios, Moebius teve que criar nos capítulos seguintes uma história fantástica, onde tudo podia acontecer. Não havia um roteiro pré-definido, quando a trama chegava



perto de um possível desfecho, Moebius introduzia, ao seu bel-prazer, outros dados e personagens e dava um looping completo noroteiro, fazendo com que o nível de complexidade sempre aumentasse e desafiasse cada vez mais a sua criatividade. A Garagem Hermética é um "mundo", e o "dono" desse mundo é o Major Grubert, que faz parte de um universo com vários "mundos". O Major adquiriu este status de semideus pois estudou, com o Bramane de Pondychern, a Entropia Nodal do Tecido Intergalaxial, e encontrou o segredo da imortalidade, nos destroços de Otrá, a famosa e antiga carcaça da Arcamãe dos Antigos. Jean Giraud Moebius viaja pelo mundo da FC (f.c.) como se caminha por uma praia sem fim - tranqüilo, imaginativo e sem

rumo. Suas histórias têm um fino non-sense (no melhor estilo europeu) e uma complexidade intrigante, além de ter uma das melhores artes do planeta. Ele manipula a trama assim como Grubert, sua criação, manipula a Garagem Hermética. Nomeio disso tudo, faz ainda citações a outros autores de HQ (como Will Eisner, de Spirit e Lee Falk, do Fantasma) ou mesmo até a lenda do Nagual, conhecida na América Central e Índia, que e o não-criado, a não-cultura, a parte do princípio divino passa ao largo da compreensão humana. Há muitos detalhes (e não-detalhes também) para se descobrir em A Garagem Hermética, pois o autor, além de deixar muitas pontas soltas nela, não a terminou, apenas a suspendeu por um tempo. Todo o fascínio desse mundo de FC (parei de ficar brincando com letrinhas) reside na enorme teia que se transformou a história. Enfim, adaptando uma frase do capitão Kirk da USS Enterprise: Moebius vai "aonde o homem jamais esteve"...(acho que estou vendo mesmo muita Jornada na Estrelas!). Até o próximo batmolenga-órgão-de-comunicação.

BikeTECH

Av. Waldemar
Ferreira, 130
fone: 211-6823

exclusivo

Temos bicicletas para Mountain Bike, Corrida Speed, Triathlon.

Toda linha de acessórios para triathletas e mountain bikers:

- tênis ● sapatilhas ● calções e camisetas importados ● óculos
- luvas ● capacetes ● caramanholas ● relógio cat eye sem fio
- ferramentas ● câmaras e pneus clincher ● bombas

Fazemos também a manutenção de sua bike.

Descontos especiais para alunos da Poli!

TREK

See you later

Aconteceu na Bahia Não ao apartheid

André Luiz Brandes Vianna

Não é em si que ele pensa
Apesar de sentir o hálito da morte
No momento mais dramático e intenso
De uma vida agora tão sem sorte;

Antes o tortura, mais que a dor imensa,
A lembrança terna da consorte
Associada à visão horrenda
Dela também tendo fim desse porte;

Desvia o homem daí seus pensamentos
Para ter como últimos sentimentos
Aqueles d'outrora, como se a brisa d'além-mar
Pudesse ele do pesadelo despertar;
Derramaram porém seu sangue muito quente
E amarrado àquela cruz de imolação
Trazendo pranto a uns - a outros condenação
O escravo morre no tronco - já descansa, o valente;

Aconteceu muitos anos atrás na Bahia
De Todos os Santos, a triste ironia.
Morto assim, sem uma lágrima,
Ele perdeu a vida mas honrou a África.

André Luiz Brandes Vianna cursa o 2º ano de Engenharia Mecatrônica

O Solo da Bailarina

Rubens Cláudio Rocha do Carmo

Vejo a sala escura, coberta de fumaça.
Em algum ponto, distante ou próximo, está a bailarina
A dançar a música da feminilidade.

Os tons suaves da melodia
Parecem conduzir pela sala aquele corpo despido,
Que se move com graça despreocupada.

Os gestos da bailarina tem um charme insinuante
Às vezes ela sorri ternamente para mim
Com uma cumplicidade surpreendente
Sim, ela sempre soube que eu viria!

Quase corro compulsivamente ao seu encontro,
Mas ela some na escuridão ao menor sinal das minhas intenções.
Toda a elegância daquela silhueta
Parece protegida por um fino véu

O encanto do momento seria destruído pela ação
Mas é lógico: a bailarina não é ninguém,
Senão a mulher dos meus sonhos...
E quando este último pensamento me vem à mente
A bailarina me estende a mão num convite irrecusável.

Rubens Cláudio Rocha do Carmo cursa Engenharia Elétrica

Contratempos (e constrangimentos) de uma O lobby bixotônico orgulhosamente apresenta...nova engenharia

"Mecatrônica?! Tá maluco?! Se eu fizer Mecatrônica eu vou ficar bobo!".
"Mecatrônica? impossível.". "Ih, na mecatrônica só tem bitolado cuzão.". "Eu vou prestar mecatrônica porque eu sempre quis fazer robozinho."(?!?)

Verdade é que o neologismo **Mecatrônica**, que já virou mito para boa parte dos vestibulando exatos, é quase totalmente desconhecido fora do meio (politécnico). Os mais desavisados chegam a confundir "mecatrônica" com marca de videocassete coreano. Para ilustrar esse fato, pescamos alguns fatos sen.iverídicos entre a BIXOTRONICADA deste ano. Ei-los:

-Conta-se que um bixotônico do interior, ao contar a novidade a um conterrâneo seu, ouviu a resposta:

"Ih!... Mais um desses cursos de peão...!"

-Outro caso: um bixotônico, veterano do segundo ano da Fatec, ao contar ao pai que teria de trancar Processamento de Dados, ouviu a contrariada opinião deste:

"Sei não, filho... primeiro termine a Fatec, depois você faz o curso que você quiser...!"

-Outro: um bixotônico de ascendência taiwanesa recebe um telefonema dos avós, do outro lado do mundo. Em taiwanês (ou mandarim, sei lá), ele exclama:

-Vô: passei em Mecatrônica na USP!

E o avô, desavisado:

-Ah... mas você não entrou no ITA??

-Um bixotônico, após o carinhoso trote na inscrição, vai ao barbeiro dar um trato no que sobrou do cabelo. Lá, ele encontra um médico formado pela USP. Sucede um pequeno bate-papo e este dispara:

-No que você entrou?

-Mecatrônica...

-Ué, mas você não entrou na Poli?

-Numa festa do Objetivo, outro bixotônico é apresentado a uma garota da Bio. Diz:

-Mecatrônica.

-O quê?!?

-Mecatrônica e Eletrônica.

E a menina:

-Ai, que frescura...

Dois minutos depois encontra uma veterana elétrica (da UNIP): aquele pipô

da menina gorda, burra e pedante que você já checeu alguma vez na vida.

-BIXO! (reconhece pela reluzente falta de cabelo...). Você é bixo do quê, bixo?

-Engenharia...

-Mas do quê, BITCHO? - pergunta, palitando o dentes.

-Por enquanto é cido básico, não importa a enghnaria...

-MAS NO QUE VOCE ENTROU, BIXO?!

-Mecânica, porra! - exclama o nosso herói.

-Viu? Não precisa esconder, babaca. Presta de novo pra ver se você pega Mecatrônica. Meu namorado tá fazendo aqui na UNIP, falou que é ótimo...

O meúbixo (bixotônico, é tudo a mesa coisa) olha para o lado e desabafa: AI QUE MERDA!

Cheng, Janiru, Paulinho, Sung e Chaves são bixotônicos.

(E no ano que vem deixarão de ser bixos-burros para serem apenas burros...)

Morto por Confusão II - O Testamento

"Triste Fim de Policarpo José"

Caro Senhor delegado, meu nome é Policarpo José - todos me chamam de P.J. - e peço ao senhor que não culpe ninguém pela minha morte, antes que os jornais sensacionalistas o façam.

Eu era, quando vivo, um humilde empregado da "Folha de São Paulo", empresa onde trabalhei por muitos anos e a qual muito admiro, embora tenha sido lá mesmo o lugar onde comecei a morrer.

Tudo se iniciou quando uma pessoa, uma pequena de dezoito anos, procurou-me para que pudesse lançar no próximo "Classifolha" o seu anúncio, que era mais ou menos assim: "Lourinha solitária, 18 anos, manequim 38, olhos claros e boquinha pequena, procura gatões(...)".

Bem, doutor, acontece que a garota realmente era uma gata: seus olhos, seu cabelo, seu jeito de falar, de olhar... Tudo era fascinante. Ela me fazia lembrar Marilena, minha adorada esposa, ou melhor, minha adorada ex-esposa: eu sou, quer dizer, eu era viúvo havia três anos.

Procurei, então, conhecer a moça e

acabei me apaixonando por ela. Porém, eu era muito mais velho do que aquele broto, mas, para a surpresa de muitos (inclusive minha) eu consegui sair com a menina e - pasmem todos! - eu me casei com ela.



Mas, doutor, foi a pior coisa que eu fiz na minha vida. Não por causa da garota, pois esta era realmente adorável, mas por causa de sua mãe e de meu filho, que também são inocentes.

Alguns poderiam achar que a mãe de Margarete (era este o nome da menina)

fosse uma ranzinza, uma miserável qualquer, que não admite o fato de sua linda filha se casar com um sujeito tantos anos mais velho do que ela, ou então achar que meu filho Paulo ficou indignado com minha união com a moça e que alguma dessas coisas tivesse me proporcionado um infeliz destino..., mas não, não foi nada disso.

O que aconteceu, doutor, o que me levou ao suicídio foi o fato de Paulo, meu filho, ter se casado com a mãe de Margarete.

Ah! Senhor doutor, que drama!

A partir de então, passei a ser genro de meu filho, sogro de minha sogra, padrasto da mãe da minha esposa, esposo de minha neta, pai de meu pai, avô de mim mesmo, filho de meu filho, pai de minha esposa!!

Doutor, eu não agüento mais, e é bom para por aqui antes que eu acabe sendo mãe de alguém.

Adeus, vida.

Atenciosa e dramaticamente

P.J.

Transcrito por Tomatinhos.

Frases que só os banheiros sabem

Qual é o melhor lugar para se conhecer o que o politécnico pensa, sente e gosta, que no seja o banheiro? Eu, perturbado por essa idéia, fui à caça. Argghhh!! Os cheiros dos banheiros eram horríveis. Mas dava para esquecer o cheiro, rindo das reflexões dos politécnicos. Se você acha que estou sem razão, veja, por exemplo, o que estava escrito nos banheiros da Civil:

Cagar é uma arte profunda
A merda bate na água
E a água bate na bunda

Melô da merda:
Você vai saindo de mim
Devagar e pra sempre

Se amar é viver
Eu cagarei até morrer

Enquanto você está cagando
Tem um japonês estudando.

(alguém completa) - E uma japonesa espreitando.

Cagaste para fora
Por que no cagaste para dentro?
Ou sua bunda está fora de esquadro
Ou seu cu está fora de centro

Eu sou cuzão
Eu sou da ECA
Só dou o rabo
Não como xeca

Lá fora você pode
Ser puta machão
Mas aqui dentro
Você um puta cagão

Queria ser uma bosta
Só pra sair do cu
Deste mundo.

Politécnico só não
é viado porque é
assexuado.

Poético: O homem rouba o 1º beijo

Implora o 2º
Exige o 3º
Recebe o 4º
Aceita o 5º
E suporta os demais.

ESTOU CAINDO
SINTO O AR ME EMPURRANDO
ESTOU CAINDO
AS PESSOAS GRITAM -
(ELAS TAMBÉM CAEM)
ESTOU CAINDO
A QUEDA NÃO ACABA
AS PESSOAS NÃO FALAM MAIS
SORRIO - O CHÃO CHEGA

PS: UMA ESTANTE
TAMBÉM CAIU!
Mecânica - Dir. ENSINO

O magnífico politécnico
serviu de
trampolim elétrico
real, e foi muito
bom trabalhar nele.
L.S.: Maguila
V.P.

Reflexos, reflexões

Paulo José

Para Alguém

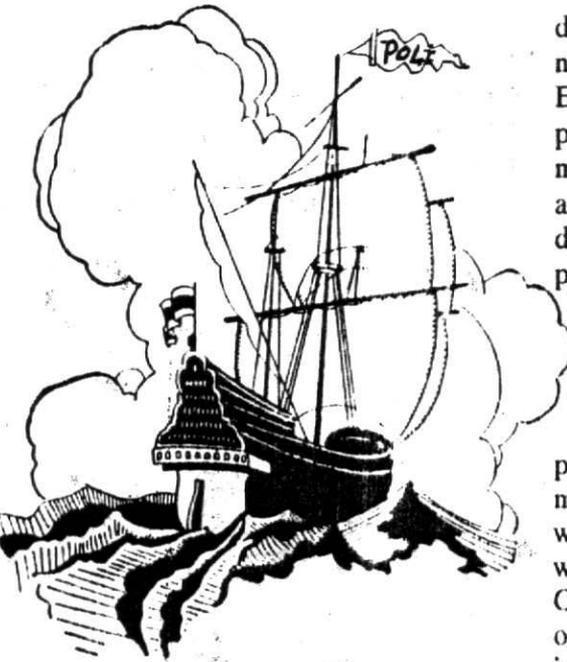
I - EU

"Ninguém é comum. Eu sou ninguém." (1) Vivo de colecionar fragmentos que recolho em meu caminho. Neles, procuro encontrar um sentido, como que a montar um quebra-cabeça infundável - só que as peças raramente se encaixam.

Não havendo sentido, sinto-me livre para inventar novas formas, dando vazão a meu lado onírico-surreal. Moldo os fragmentos para construir minha própria realidade. Construo castelos multicoloridos, crio cidades utópicas, e me faço rei. No meu reinado não há escravidão - nem mesmo em sua forma mais dissimulada, a auto-escravidão (aquela vivida pelos fracos que só buscam dinheiro e/ou poder). No meu reino não há fracos - mas quem sou eu para julgar quem é fraco? Sou rei ilusório, de um reino ilusório e talvez impossível, composto de fragmentos - reais - manipulados por alguém incapaz de encaixá-los perfeitamente.

II - DESTINO

Nessa recriação temporária da realidade, sou dono do Destino - mas será que



existe realmente um destino? Será que há uma força que nos manipule, forçando-nos a agir meramente como atores (2) nesse imenso palco que é o mundo? Não!, dirão os racionais. Sim!, dirão os sonhadores. E eu, pobre sonhador racional, caminho numa linha tênue, ora acreditando no Destino, ora o negando. Segundo Jung, há a sincronicidade - mas parece haver também uma anti-sincronicidade, que faz com que as coisas não aconteçam. Funciona mais ou menos assim: você encontra a peça que se encaixa perfeitamente em seu quebra-cabeça. Sincronicidade! Percebe então que mil outros quebra-cabeças estão esperan-

do por aquela peça, e você simplesmente não consegue conquistá-la para sua lacuna. Ela vai então alojar-se em algum outro espaço, mesmo não se encaixando perfeitamente - Anti-Sincronicidade! Vem então a pergunta: é melhor ignorar a existência da peça ou saber que ela existe mas não pode ser obtida?

III - PALAVRAS / OLHAR

As perguntas são inúmeras, as respostas poucas. Palavras são tão facilmente manipuláveis - onde está a verdade? "I won't use words again, they don't mean what I meant, they don't say what I said" (3). O melhor meio possível de comunicação é o olhar. Ele capta e transmite tudo - por isso temos tanto medo de usá-lo. Expõe nossas fraquezas, nossos sentimentos, nossos desejos. Absorve o mundo ao redor, imagens que formam nosso real. Mas olhares não podem ser impressos, transmitidos em larga escala, superar distâncias. A forma mais pura de comunicação, portanto, só pode envolver duas pessoas. Talvez o amor seja isso: dois olhares que se comunicam plenamente.

- (1) Caetano Veloso - "Peter Gast"
- (2) Vide Shakespeare - "As you like it"
- (3) Suzanne Vega - "Language"

Paulo José cursa o 3º ano de Engenharia de Produção

"Time to Go Back Home"

Marck Knoffler II

The man was travelling on the great road
And in his inside, there was a deep hole
He feel strange and sick every time he came into a crowd
And in his inside, there it was dark and cold
The man doesn't care anymore about the Women
And the man doesn't care anymore about his self
The man doesn't care anymore about life

And then he knows:
It was time to go back home.

The man climbed hills and mountains
He goes down on the biggest rivers
And he never went back, but turned his head sometimes!
And he keep on searching for something he doesn't know
But he never found anything even when he knows what he wants
So he keep on going on the biggest world

Through storms and cold weathers he went

And then he knows:
It was time to go back home.

And you know old man; shooting stars never stop
Even when they reach the top
And like this he keep on going
Over obstacles without taking any care
But strangely never ever happened to him
'cause he doesn't care anymore about himself
'cause he doesn't care anymore about life

And finally he knows:
It must be time to go back home!

Marck Knoffler II, IO, que cursa o 1º ano de Engenharia Mecânica, é super-guitarrista-vocal nas horas livres (segundo ele)

*A gente faz porque a gente gosta.
Não dá pra agradar a todos: gregos e baianos.
Está indecente: o que mais se esperaria de pessoas como eu, Cid?*

Loja Ótica Supervisão
Fábrica de Óculos e Lentes de Contato

Aviamos receita médica (oculista) em 24 horas.
Endurecimento de lentes com garantia (quebra) de um ano.
Laboratório próprio. Fazemos qualquer tipo de concerto.

Para funcionários e estudantes da Poli,
pagamento em até 3 x com 15% de desconto.

R. Simão Álvares, 429 - Pinheiros
Fone: 212-7833

foi legal para mim participar do politreco em 91. tchau.

Paulo Blikstein

Foi realmente um prazer inenarrável trabalhar no Politreco™; noites e noites sem dormir, diagramando e escrevendo os incríveis textos que passaram por estas lendárias páginas. No ano que vem, espero que mais politecistas venham participar deste prazer quase sexual.

Paulo Clark Kent

Na verdade, entrei de gosto neste barco... Pegaram-me fazendo uns rabiscos no caderno e acharam que aquilo ficaria bom no Politreco. O resultado é este: BURACOS PREENCHIDOS COM XEROX DE ILUSTRAÇÕES AMERICANAS!!

Sou eu, rendendo-me ao imperialismo, mas tendo esperança no futuro!

JESSIAN 03/12/91

ROLE-PLAYING GAMES (II)

Paulo Carioca

No último artigo, criamos um ladrão chamado Darek. Vimos que Darek confia mais na sua agilidade que em força bruta, e que apesar de não ter estudado muito, Darek aprendeu bastante com a vida.

Toda essa descrição dava vida ao personagem. Com isso, Darek deixou de ser um punhado de números para se tornar uma pessoa quase viva.

Hoje, veremos que o fato de Darek ter se tornado um ladrão dá a ele algumas vantagens e desvantagens...

Ladrões são pessoas que infestam a sociedade como um mal necessário. Surgem da natural busca por riqueza e buscam atingi-la de maneira, digamos, "pouco ortodoxa".

Isso faz com que um ladrão tenha certas habilidades que outras pessoas como magos ou guerreiros não tenham. Entre elas temos:

- bater carteiras;
- andar silenciosamente;
- esconder-se nas sombras.

O problema é que, como qualquer pessoa, o ladrão não é perfeito. Em termos de jogo, refletimos essas "imperfeições" com uma porcentagem. É lógico que à medida que o personagem envelhece, essas habilidades se aperfeiçoam pelo uso. Com isso, podemos introduzir o conceito de NÍVEL.

Nível é o termo que usamos em qualquer RPG para indicar o quanto de "experiência de vida e aventuras" um personagem possui.

O conceito de nível é, claramente, uma simplificação. Sabemos que, na vida real, a cada minuto que passa aumentamos



nossa experiência, mas para o jogo a simplificação é boa.

Quando se cria um personagem, normalmente o criamos no nível 1. Nesse nível, o personagem é novo em termos de idade, e possui muito pouca experiência. Está mal começando a descobrir seu potencial, veremos que, até o nível 3, as aventuras são mais "encrencas" que os personagens arrumam pela sua falta de experiência, do que propriamente aventuras.

A técnica de criação de personagens continua com geração de estatísticas de combate e equipagem do personagem, mas o importante é que tenhamos em mente que o personagem não é um punhado de números e sim uma representação do que gostaríamos de ser.

Antes de passarmos a ver como seria uma sessão de jogo ao vivo, vamos resumir o que já sabemos.

Para jogar um RPG precisamos de um personagem. Esse personagem é o que gostaríamos de ser se vivéssemos num mundo de magia e aventura. Pelas regras, enquadraremos nossos personagens em classes. Hoje vimos algumas das características dos ladrões. Vimos que nossos personagens não são estáticos, eles evoluem como nós. O que mede essa evolução é seu nível. Quanto maior o nível, maior a experiência e o poder do seu personagem.

No próximo artigo, discutiremos raças e magia em um RPG. Além disso, veremos como começar uma aventura e o papel de uma pessoa muito especial no jogo: o Dungeon Master (DM). Até lá!

Paulo Bernardo Antunes Linhares cursa o 2º ano de Engenharia de Eletricidade

Alugue seus filmes favoritos na LOCADORA DA POLI

Promoções especiais para os alunos

Local: Prédio Novo da Administração da Poli sala 36 - Piso Superior
De 2ª a 6ª feira, das 8 às 17 horas

Leve filmes na 6ª feira e devolva na 2ª feira por apenas uma diária!

Sempre os melhores e últimos lançamentos

Calculadoras HP



Temos os melhores preços do mercado, além de um bom atendimento.

Cobrimos qualquer oferta!

UNIMAQ

R. Caraibas, 578 - Perdizes - São Paulo

HISTÓRIAS DA POLITÉCNICA: o trote

Eng. Alessandro D'Alessandro

De seu natural concentrado e retraído, o verdadeiro tipo do politécnico não era dado, como já tenho dito, a pilhérias e piadas, que em outras escolas constituem o sal das narrações de todos os tempos passados e presentes. Aqui, compenetrados da positividade da matéria, que era a base de todos os seus estudos, os futuros engenheiros, submetidos ao regulamento, sem constrangimento e sem coação, iam para as aulas cheios de respeito para com os seus mestres e mantendo idêntica atitude em todas as dependências da Escola. E eram assim também o trato diário com os auxiliares da administração, a cuja dedicação, lealdade e espírito de cooperação tanto devemos todos. Do mesmo modo, não se encontravam politécnicos em farândulas ou arruaças, chegando os máis ousados a um passeio pela cidade, a um chopp no Progredior ou uma sessãozinha de cinema no seu bairro. Por isso, nunca se soube de aulas suspensas à força; nem de tumultos provocados por desavenças sérias entre alunos e professores. Nunca, igualmente, foram estes levados ao extremo de solicitarem a aplicação de castigos coletivos a grupos de alunos indisciplinados. Não quero dizer que, no meio da mocidade heterogênea, que integrava o corpo de alunos do meu tempo, não houvesse alguns com certa tendência para situações, que eles, só eles, julgavam engraçadas, mas que não passavam de tentativas ridículas de perturbação da ordem, sem encontrar eco no grosso do nosso exército. E esses engraçadinhos acabavam sozinhos, prestando contas individuais dos atos praticados à polícia interna da Escola, que era bem severa na aplicação das penas previstas no regulamento. Mesmo assim, uma coisa nos preocupava: o silêncio, em que se mantinham os veteranos, quanto à recepção dos "bichos". É verdade que, às vezes, no pátio, ouvia-se gritos de: -Apronta o lombo, bicho! Outras vezes, alguns, mais ousados, chegavam à entrada das salas, enquanto os professores davam as suas aulas, e, pondo a boca em bico com ra o buraco das fechaduras, gritavam a pl no pulmões: "BICHOS!".

Nos quadros da portaria, antes das vidraças corrediças (que por isso mesmo lhe foram colocadas, de modo que qualquer comunicação ali feita tinha que levar o visto de 'seu' Albino, também apareciam de quando em quando, ameaças à nossa integridade física, preconizando-se contra nós danças e peruações, nas quais as nossas indumentárias seriam trocadas grotescamente e quejadas humilhações. Tudo isso nos seria imposto "pelo poder que se dava, a si própria, a comissão do trote". Mas, era tudo, como as piadas que aponte atrás, manifestações esporádicas, individuais, com a qual nada tinha a ver a pléiade de moços educados e alheios a violências inúteis, todos possuídos do mesmo espírito de trabalho e de confraternização, cada um cuidando de acompanhar desde



logo as aulas e exercícios do seu curso, para maior honra daquela forja onde obreiros de um progresso, cuja tradição já era um título respeitável.

Foi, pois, sob a humilhante situação de "bichos" encurralados, que, certa manhã, no fim da aula do Dr. Shalders, logo que este abandonara a sala, vimos à porta a tal comissão de trote, que ali colocara bancos, barrando a nossa passagem de modo intencional. A gritaria era ensurdecedora e alguns veteranos já se dispunham a invadir a sala, em busca dos primeiros, que seriam sacrificados. À frente do bando, reconheci meia dúzia dos tais, que nos tinham ameaçado durante tantos dias, saltando como símios e gíngando nas suas perninhas curvas e tortas, que mais pareciam pernas em parênteses (como mais tarde os classificaria o Antônio Alexandre), doidinhos para realizarem as antigas ameaças.

O sacrifício era o seguinte: levavam a vítima, a golpes de cacholetas, até a porta e a faziam-na saltar dois bancos, colocados um sobre o outro, com os pés juntos e sempre sob a saraivada de cacholetas. Se o "bicho" pulasse o obstáculo, ia para o pátio para esperar a peruação; se, o que era frequente, não dava o pulo suficiente, a dose de cacholetas era dobrada e ele ia, sempre apanhando e quase de rastro, para a mesma espera.

Estava próxima a minha vez e eu já me abotoava, pronto para sofrer a minha parte, embora revoltado e impossibilitado de reagir, quando o milagre se deu: pela sala de dentro, irrompeu um grupo de veteranos, gritando: "para! para!" E um deles, o que vinha à frente e que era o Castro Vidigal, aluno do primeiro ano do Curso Geral (figura simpática, que já então firmava sua personalidade de escola, que tem sido a mesma sempre, a fazer dele o amigo, cuja companhia é um prazer e o homem, cuja amizade é uma honra), começou a falar, na sua voz clara e persuasiva, magro insistisse o tal grupinho em nos pegar à unha com um desenxabido "não pode!". Este grito foi logo abafado pela adesão de mais veteranos, que entravam na sala, tendo antes afastado violentamente o banco do suplício.

Compreendemos, de pronto, que aquela embaixada vinha para nos salvar, para nos arrancar da sanha daquela meia dúzia de macaquinhos irrequietos, cujos nomes silenciarei em atenção a "mentalidade politécnica", de que ainda não se achavam possuídos; tanto que alguns deixaram o Curso por concluir e foram pregar em outras freguesias, enquanto os outros tiveram que quebrar a própria castanha, pondo-se de acordo com a maioria, para que à margem de todo não ficassem.

Abafando a irritação desta maioria, Cassio Vidigal expôs o ponto de vista da maioria: o trote seria suspenso, ficando cada "bicho" com a obrigação de contribuir com uma certa quantia, destinada a uma festa de confraternização, com comes e bebes, a realizar-se em dia previamente anunciado, num dos recantos aprazíveis da cidade. A idéia foi aprovada com pa mas e sapateados e, já prevendo uma certa quan-

tidade de cartões, o Cassio voltou-se para nós, que continuávamos ainda acuados num canto da sala, à espera da sentença final e convidou-nos ao cumprimento imediato das condições do "edital". E explicou que a contribuição seria de 5\$200 na moeda daquele tempo, o que equivale hoje a Cr\$ 5,20, dando um prazo de 24 horas para que todos pudessem se habilitar ao comprimento daquele dever de bichos obedientes em favor do estômago dos ilustres veteranos, comprometendo-se estes a um empanturramento sem precedentes na história gastronômica, em nome da confraternização Politécnica, naquele instante em que a escola recebia tantos cristãos novos. De fato, estes para ali acorriam em busca do beberete da ciência e do saber, enquanto eles, veteranos, por isso mesmo que eram veteranos, partiriam em busca de outra água, que era a que a Antártica fabricava. Perorando, o futuro deputado Constitucionalista disse ainda que os "bichos deveriam honrar a festa de confraternização, que se preparava, com a sua simpática ausência e com isso não faziam mais do que exercer o direito de não ter o direito a direito algum". As suas últimas palavras, os aplausos estrugiram. E, apeado o orador que se tinha encarapitado sobre a mesa professoral, começou o desfile de novatos, que na ocasião traziam algum dinheiro, o bastante para pagar aquele imposto "sui generis". Eu, por estar no fim do mês, tinha recebido por sorte, na véspera a minha verbazinha mensal, que aquela situação iria desequilibrar por completo. Entretanto não titubeei: meti a mão no bolso e entreguei ao Cassio a quantia fixada, recebendo em troca um cartão à guisa de recibo. Conservei por muitos anos esse exemplar da certidão do meu batismo Politécnico e o reproduzo abaixo para despertar a memória dos que viveram comigo aquele instante da nossa vida escolar. O cartão era do tamanho de um de visita, impresso de um lado só, trazendo no alto, no meio a figura de um moleque que tinha na mão esquerda um cacete em atitude de quem persegue alguém, enquanto a mão direita espalmada, com o polegar ligado à ponta do nariz, completava o gesto popular do "fiáu, fora!". Logo abaixo, a inscrição: "O bicho, portador deste, pagou cinco para não ser trouxa e duzentos pra Cruz vermelha". Aparecia no final das contas, alguma coisa de humanitário naquele gesto dos veteranos: a Cruz Vermelha, que ensaiava, então, os seus primeiros passos sob as mãos hábeis de Maria Renotte, era lembrada pelos jovens politécnicos. Isso era um consolo e chegava a ser uma esperança.

Feito o pagamento pelos que para isso se apresentaram, ali, na "boca do cofre", sendo os demais apazados para o fazerem no dia seguinte impreterivelmente, saímos para o pátio, mais animados e livres do mal-estar do "trote".

*extraído do livro "A Escola Politécnica da Universidade de São Paulo - histórias da sua história", do Eng. Alexandre D'Alessandro por Luciana B. Sanchez, que cursa engenharia Civil.